



NÓS, CIBORGUES: TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE HOMEM-MÁQUINA

Eduardo de Campos Garcia*

Fátima Regis, em seu livro *Nós ciborgues*, procura discorrer sobre o corpo ciborgue. Tenta de modo simples explicar como o ciborgue é apresentado para a sociedade e o modo como um produto da ficção científica, nascido na literatura, chega ao cotidiano, conquistando e presente na atualidade.

Segundo a autora, o ciborgue é um gênero. No entanto, um gênero indomável. Desenvolve-se no imaginário humano e salta para a realidade. Entretanto, a imprevisibilidade de sua evolução e o fascínio que a figura do ciborgue causa denotam um impacto cultural no modo de viver e de se reconhecer como sujeito. O ciborgue é uma mescla da *science fiction* com a realidade científica. O ciborgue é um herdeiro das fábulas.

A revolução industrial, segundo a autora, funcionou como uma força propulsora para a criação e experimentação do corpo ciborgue. Não só, pelo ciborgue, há a possibilidade de se ter um corpo híbrido, mas também um corpo que transcorre um intercomunicar intercientífico. No ciborgue, biologia, *soft* e *hard* se acoplam. Essa acoplagem seria uma condição moderna para a existência do ciborgue.

Essa acoplagem que fundamenta a existência ciborgue urge da curiosidade experimental em que arte-bricolagem, ciência robótica e filosofia moral são fatores intrínsecos. Afinal, o ciborgue é um robô demasiadamente humano.

Desde Frankenstein o corpo tem sido posto em cena como um objeto que pode ser "colado". Dado que é visto como pedaços que podem ser reconstituídos, remontados, reabilitados, revividos. O corpo é formado por pedaços. Recortes, sendo estes remontados por carne ou máquina. Ou simplesmente dotado de uma inteligência artificial como o jogador de xadrez de *Maelzel*, de Edgard Allan Poe. Nesse sentido, o robô, na medida em que traz dentro de si,

* Doutorando e mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Especialista em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá (FJ-RJ) e em Magistério do Ensino Superior pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Pedagogia pela Universidade Iguazu (UNIG-RJ) e em Letras pela Universidade Braz Cubas (UBC-SP). Atualmente, é professor pesquisador da diretoria de Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove-SP).

embora programado, inteligência, seria ciborgue também. Sua estrutura maquina traz em si algo essencialmente humano: inteligência.

Desse modo Fátima Regis segue discutindo algumas questões sobre o que as intervenções tecnocientíficas provocam. Entre essas provocações, entendidas como possíveis resultados de um avanço tecnológico, é exemplificado pela autora, como a automatização dos humanos. Por meio da automatização há, segundo seu pensamento, a formação de um corpo híbrido, cuja formação por duas naturezas se localizam na genialidade robótica. Toda essa hibrididade, como já havia pensado Donna Haraway, citada por Regis, humaniza a máquina. O que muda é a percepção do que se pode sentir como corpo. Não somente o corpo passa a representar a categoria do híbrido, mas os clones e as criações sintéticas são formas híbridas que podem ser entendidas como subcategorias. Nesse aspecto, robôs, andróides e computadores compõem as possíveis subcategorias ciborgueanas.

Todas essas multiplicidades ambientais e a reconfiguração do corpo partem de uma heterotopia da ficção científica e circulam, entram em cena por meio do ciberespaço no qual a possibilidade de construção de novas realidades se amplia. O ciborgue é mais que uma construção corporal, é um estado de relação social, uma espécie de transcodificação entre dois mundos simultâneos. Entretanto, ainda há ambientes que se denominam cyberpunks e se caracterizam de modo peculiar. Os cyberpunks fazem do ciberespaço um ambiente de narrativas e circulação, fomento de ideias e convívio social. O hibridismo seria no plano da existência.

Para finalizar, Fátima Regis discute o próprio ciborgue como uma imagem a ser vivida que revigora as capacidades físicas, sensoriais e cognitivas, permitindo novas experiências subjetivas. Para a autora, o ciborgue é uma nova espécie, um devir humano, algo que modifica as relações em todos os sentidos. O que ocorre, é uma nova aventura para a humanidade. Uma aventura que não está concluída e que cabe à sociedade definir o que querem ser: zumbis, robocops ou qualquer outro devir que for desejado. Por que não um ciborgue? Afinal, como diz a autora: você é o que escolhe ser.

REGIS, F. *Nós ciborgues: tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina*. Curitiba: Champagnat, 2012. 222 p.